

Entrevista A3

I – Experiência no lar

Há quanto tempo trabalha no lar?

Faz em Maio 9 anos.

Qual é a sua função no lar?

Eu sou assistente social mas neste momento a minha função é Directora Técnica.

Que tarefas desempenha no seu dia-a-dia?

Tudo! [Risos] Eu faço a gestão dos recursos humanos há muitos anos. É assim, eu sou Directora Técnica há pouquíssimo tempo. Mas como Directora Técnica, só veio o acréscimo da responsabilidade. A Segurança Social passa a exigir ao Director Técnico. Agora tudo o resto eu já fazia há muitos anos que sou coordenadora do serviço de apoio domiciliário, há uma data de anos que eu sou responsável pelos estágios profissionais, responsável pelos programas ocupacionais. Os chefes de serviço, se têm algum problema, é para mim que vêm. Não há nada que deixe de passar por aqui.

Que dificuldades encontra no seu trabalho com os idosos no seu dia-a-dia?

Falta de tempo para eles. Porque eu não faço mais nada sem estar sempre metida em papéis. Não sobra tempo para eles e além do mais eu um atendimento externo, eu faço atendimento ao público.

O que o surpreendeu de forma positiva quando começou a trabalhar com idosos?

Eu já tinha experiência com idosos. Pela positiva... a riqueza dos conhecimentos deles, do muito que podemos aprender com eles. Eu gosto de me sentar a conversar com eles. Quer os que estão lúcidos, quer os que não estão e os que não estão não é para gozar

com as pessoas, é assim é porque no meio daquela loucura toda há um fio condutor, é preciso é conseguir apanhá-lo. No meio da loucura há muita lucidez... e há muita coisa que nos ensina.

O que o surpreendeu de forma negativa?

A morte. As escarras, o cheiro horroroso, as feridas até aos ossos... hummm... a decomposição humana em vida. Há pessoas em decomposição vivas. Acho que isso ainda é pior do que a morte. A morte faz parte do nosso dia-a-dia e nessas situações a morte é um alívio. É um alívio para a pessoa e um alívio para nós porque toda a gente que está à volta está a sofrer.

2

Que qualidades são necessárias para se trabalhar com idosos? Porquê?

Uma paciência infinita. Uma boa dose de bom humor, para se conseguir levar isto. Porque se as pessoas trabalham diariamente com muita morte, muito sofrimento, com doentes mentais também, com pessoas que descompensam com a medicação ou falta dela e com pessoas que se passam e que pura e simplesmente se lembram de nos agredir, de nos chamar de todos os nomes e mais alguns. Eu digo à minha mãe constantemente «tu todos os dias és uma rica coisa na boca de muita gente» quer por parte dos funcionários quer por parte dos idosos, dos que estão demenciados, claro.

II – Caracterização da velhice

O que é que para si melhor define a velhice?

Conhecimento. Um enorme conhecimento da vida.

Na sua perspectiva, quando é que uma pessoa pode ser considerada idosa?

Quando a pessoa quiser. Porque idoso não é o que está na cadeira de rodas ou na cama acamado.

Quais as principais mudanças que acontecem quando se fica velho?

São físicas... são sobretudo físicas. O envelhecimento a nível cerebral, portanto a nível dos neurónios porque eles vão morrendo... Oh pá! Nós temos isso todos os dias, a nós também nos acontece. O envelhecimento é físico e se a pessoa se deixa ir, o resto vai também. Começa pelo físico e depois a pessoa ou se deixa levar ou não se deixa levar. As pessoas com mais habilitações, que mantenham outro tipo de ocupações, que não é só a televisão... que se mantêm a ler, a informar-se... essas pessoas envelhecem muito menos. O corpo está velho mas o resto não está.

Para si, que benefícios ou vantagens traz a velhice?

Devia trazer um estatuto social, que [os idosos] não têm. Porque neste país e não só, pelos vistos não só, passam a vida a dizer “de velhinho se torna a menino”. Ou seja, retira-se autonomia à pessoa, retira-se o direito a ser pessoa, passam a ter que obedecer a ordens, voltaram à creche, isto não é assim. A creche é a creche e é para as criancinhas que estão a crescer e a formar-se, o velho não é menino, é uma pessoa que já viveu muitos anos, que tem muito para nos ensinar, tem muito para nos transmitir, normalmente tem um mau feitio dos diabos. Têm muito conhecimento, só que não lhes é reconhecido.

E que problemas ou inconvenientes traz?

Não serem reconhecidos e a infantilização deles. Eles não são crianças, mas toda a gente os infantiliza «Oh coitadinho do velhinho!». O velhinho é gente, daqui a trinta anos também lá estou.

Acha que os idosos constituem um problema para a sociedade? Porquê?

Constituem, porque vivemos num mundo a correr. Não temos tempo nem para nós, nem para os filhos, quanto mais para os pais, muito menos para os tios, para os avós, para os primos ou para os tios afastados, não temos. E como não temos, eles constituem um problema. E porque é que constituem um problema, porque se tornam um peso. Porque é preciso cuidar. E daí é que vem a mania que de velhinho se volta a menino... mas os

cuidados são físicos. Falta suporte na sociedade para os manter em casa. Faltam leis que nos permitam dar assistência à família e quando se fala de família é os filhos também, mas também aos pais, aos avós, aos tios... os tios não são reconhecidos, nem no funeral, se me morrer o tio, eu não tenho direito aos dias. É menos que os outros? Quantas vezes são os sobrinhos que estão a cuidar? A madrinha ou o padrinho? Que muitas vezes não é de sangue, mas é no fundo como se fosse um familiar. Tornaram-se um peso porque a sociedade deixou que isso acontecesse. Se formos a ver, somos um peso uns para os outros.

Na sua perspectiva, a velhice é vista como algo positivo ou negativo? Porquê?

É vista como algo negativo, como é óbvio.

Para si, as pessoas idosas têm necessidades específicas? Quais?

Têm necessidades de apoio físico. Nesse aspecto são meninos, realmente em termos dos cuidados são. No resto, não eles têm que ter atenção como todos nós precisamos.

De que forma podem os idosos contribuir para a sociedade?

O idoso é um termo muito alargado, cabe lá muita coisa, quer dizer a partir dos 65 anos cabem lá todos. O idoso que anda por seu pé e é perfeitamente autónomo, são aos milhares. Então não pode contribuir com tanta coisa? Os avós não são tão importantes? Não são eles que nos ficam com os filhos? Eles têm um contributo muito grande a dar... Olhe! Mais aquele conhecimento acumulado. Mas desvalorizou-se, eles estão a perder... eles perderam valor perante a sociedade.

Como podem participar na sociedade?

Se os deixarem, eles participam em muita coisa. Até nas coisas mais pequeninas. Ainda há bocado uma idosa me dizia: «vou me deitar e eu não quero ir para a cama?!». Mas então a mulher não tem direito a escolher? Está dependente mas não está... nem que estivesse demente, tem o direito de escolher. Porque é que as pessoas não hão de ter o direito de escolher? A partir do momento em que a pessoa ainda tem o seu direito à sua

escolha pode sempre participar na vida da sociedade de muitas maneiras a começar na vida familiar. Quem é que fica com os netos?

O que poderia ser feito para melhorar a qualidade de vida dos idosos?

Há muito a fazer em termos dos cuidados físicos e paliativos. Há poucas unidades de cuidados continuados. Isto a nível do sofrimento, das feridas, da doença. A outro nível, falta fazer muito a nível de centros de convívio, criaram-se os centros de dia numa óptica diferente e com uma política diferente. Há uma necessidade de centros de convívio de bairro, que os faça sair de casa, porque há muita gente que está autónoma e que está dentro de casa todo o dia a ver televisão sozinha numa solidão imensa. Mas está ela sozinha, está a vizinha, não desse prédio se calhar porque está todo a gente a trabalhar, mas 100 metros à frente está outra que está na mesma situação. Falta um sítio onde se possam encontrar. Os centros de dia deveriam ter essa função mas perderem-na, ainda não percebi muito bem porquê, provavelmente porque foram mal direccionados, politicamente foram mal direccionados, as políticas internas das instituições. Hummm... Há regras a mais, horários a mais, há coisas a mais a cumprir... lá está, porque se infantiliza as pessoas, não se dá opção. Há outros centros de dia que estão cada vez com mais dificuldades, porque eles não aparecem, fazem daquilo um refeitório, vão, comem e vão-se embora. Ou é um dormitório porque vão, comem, dormem a sesta frente à televisão e vão-se embora. Não há... também não há técnicos, há poucos técnicos. Não há técnicos, não há animadores, ou quando há, há poucos. As pessoas também não sabem... eu acho que mesmo a nível da animação, eu não conheço muito bem a formação que eles têm mas daquilo que vou conversando com eles, acho que estão demasiado direccionados para a área da infância e da juventude e muito pouco direccionados... eles trazem muito pouca formação na parte da geriatria, o que fazer com um idoso. Quer dizer, um idoso obviamente não adere com a mesma facilidade que um jovem a desportos radicais, nem à piscina, nem à ginástica, mas adere a outras coisas, não adere a grandes caminhadas, mas adere a outras coisas. Há coisas que eles adoram, que eles gostam de fazer. Adoram novidades, ao contrário do que as pessoas pensam. Claro que não são novidades que possam mexer com o dia-a-dia de todos os dias deles. Agora de vez em quando aparece uma coisa nova só para aquele dia, eles gostam! Se dissermos «agora mudamos as regras todas e agora em vez de comerem a esta hora passam a comer àquela...» uh! É o fim do mundo! Mas se hoje lhes disser

assim «Hoje temos um almoço melhorado e é diferente... hoje é dia de festa» é uma festa! Não há é... as pessoas não estão formadas, mas nós também, no Serviço Social também, vocês na Sociologia, na Psicologia, há pouco direccionado para os idosos. Nós não sabemos o que fazer com eles, como estimulá-los para. Porque se trazem ainda, porque mesmo nas escolas nós temos muito as ideias preconcebidas do idoso coitadinho bonitinho té té té té! E pronto, andamos nisto. E na parte da saúde... está muito vocacionado, tudo o que é cursos de geriatria para a parte da saúde.

O que entende por dependência?

Ah! A dependência é física, acima de tudo. Porque nós temos os doentes com Alzheimer, andam pelo pé deles, correm a casa toda mas não sabem onde estão. Ou seja, para além da [dependência] física, há [dependência] mas é neurológica.

III – Caracterização dos utentes

Na sua perspectiva, como descreve os utentes deste lar? Caracterize-os.

Isto é o manicómio! [Risos] É o que dizem os enfermeiros! Pelo menos dois dos nossos enfermeiros trabalham no centro de saúde mental e dizem que têm mais doentes da psiquiatria cá em cima do que lá em baixo, e bem mais perigosos às vezes. Porque também os cá há. Quando me lembro dos idosos da casa, o que me lembro é sempre disso. Não são todos assim, obviamente!

Quais as principais qualidades dos utentes?

Eu rio-me tanto com eles [risos]. Hummm... eles são animados quando querem. E então o grupo da Graça é extremamente animado. Animado, mas não estamos a falar de palhaçada, animada no sentido de bem-disposta. Há alguns que não, que não fazem mais nada senão falarem das doenças «dói-me aqui, dói-me além, dói-me não sei quê e toda a gente me trata mal, não gostam de mim, té té té té té...». Às vezes eles estão mais em baixo porque a família não apareceu ou porque passou uma época festiva e não os viram e isso é doloroso. Ou mesmo o tempo, este tempo [chuva e frio] é horrível para eles.

Para depressões isto é ótimo. Esta é a época das depressões, portanto é uma época má para eles.

Na sua opinião, quais as principais necessidades dos utentes do lar?

Além da necessidade de cuidados básicos e saúde, isso é geral. Necessitam de ocupação! Só que é muito difícil dar-lhes ocupação. Porque a maior parte não sabe ler nem escrever, tem habilitações muito baixinhas ou nenhuma e mesmo os que sabiam ler e escrever não estão para isso, não estão para se chatear, porque perderam a prática, não praticaram... ao longo dos anos. Agora dar-lhes um livro para a mão dizer-lhe entretenha-se a ler... santa paciência, eles não vão querer! Portanto, pessoas que não têm grande estímulo para nada, é muito difícil estimulá-los, a animadora vê-se aflita.

7

Que actividades realizam os idosos no lar?

Que actividades realizam os idosos fora do lar?

Ah! A Graça faz imensa coisa com eles, estamos a falar de actividades ocupacionais. Ela faz teatro, ela faz ginástica, ela leva-os a passear, ela leva-os às terras de origem no verão... hummm... todos os meses há festas de aniversário deles, hummm... além deles individualmente terem família que lhes fazem e trazem o bolinho, depois há mensalmente a festa de aniversário que junta todos os aniversariantes desse mês. Eles têm missa, uma coisa que é importantíssima para eles, a vertente religiosa. Têm as missas de aniversários e depois têm missas semanais. E têm o Padre que vem cá e têm as rezas ao fim da tarde, todos rezam o Terço. A componente religiosa é muito importante para eles e nem pensar alguma vez cortar-lhes uma coisa dessas. E depois há tudo o que a Graça faz com eles, se ela podia fazer mais? Sozinha, ela não consegue fazer mais. Ela precisava de mais gente a trabalhar com ela. Mas não lhe dão!

Como define a sua relação com os utentes do lar?

Com alguns é conflituosa, porque isto quando há problemas chamam-me a mim. Com outros é... há alguns que têm uma dependência enorme em relação a mim. A mim, à minha outra colega assistente social e à psicóloga. Porque não têm família ou porque a família pouquíssimas ou nenhuma vezes aparece, são portanto pessoas que já estão há

muitos anos na casa. Hummm... e criam connosco um relacionamento afectivo muito forte... e dependem de nós emocionalmente. Se nós não aparecemos um dia, eles querem saber onde nós andamos. É muito difícil meter férias e voltar. Estão muito ligados a nós. Nós somos muito a família deles. Mesmo os que têm família e há pessoas aqui com família a vir aqui praticamente diariamente. Mas, estão muito agarrados a nós. E às funcionárias também, só que a ligação é diferente, porque as funcionárias tratam deles. Tratam deles fisicamente. E isso gera muitas vezes mais conflitos, porque elas têm que fazer as coisas a despachar, têm que cumprir horários. Há da parte delas uma certa rispidez porque têm que despachar e há da parte deles, uma falta de compreensão em relação a isso, não de todos, alguns percebem... hummm... mas quem tem tempo para eles ou deveria ter, somos nós. E nós é que estamos cá para os ouvir, a verdade é essa. Portanto, eles criam uma relação afectiva muito grande connosco. Há efectivamente alguns que nos têm uma *sanfeira* desgraçada, mas são aqueles que nos dão sempre que fazer e que nós quando aparecemos é para... para pôr toda a gente na ordem, para pôr isto na linha e pronto [risos] e então há aí alguns que connosco não...

Quais são as os problemas e dificuldades dos utentes do lar?

Falta de espaço próprio... falta de privacidade e do seu próprio espaço. Não há nada melhor do que os quartos individuais... e nós não os temos.

IV – O papel da família

Para si, qual é o papel da família em relação aos seus idosos?

Importantíssimo! São o suporte emocional deles. São os cuidadores... mais as mulheres, para variar, mas são eles os cuidadores em primeiro lugar são sempre eles. São sempre eles que pedem ajuda, normalmente é muito raro ser o próprio idoso. Hummm... aqui é muito raro. Não posso falar pelas outras instituições e... são eles o suporte emocional.

De modo geral, com que frequência os familiares visitam os idosos no lar?

Temos alguns que é diário, temos alguns que é semanal, temos alguns que é intermitente durante a semana e temos os mais antigos que são os mais difíceis de fazer

as famílias vir cá, porque as mentalidades eram outras. A casa tem 109 anos de existência e temos idosos aqui há 30 e 40 anos. Portanto entraram num tempo diferente, onde a política dos técnicos, quando os havia, era diferente. A política de proximidade com a família é muito recente. Porque quando me licenciei ainda não havia esta política, já trazíamos estas ideias das escolas, mas fomos a fornada que veio com estas ideias. Porque as fornadas anteriores não tinham esta política de proximidade com a família. A família era um inimigo da instituição. Hoje a gente tenta trabalhar com eles, não é fácil, porque muitas vezes temos que lidar com os conflitos dentro das próprias famílias e isso dificulta-nos muito a vida. A relação entre eles, porque há conflitos anteriores com os pais, às vezes há historial de alcoolismo, de violência de maus tratos e outras coisas por traz... Os filhos não abandonam os pais sem mais nem menos! Geralmente há qualquer coisa por traz. Ou há guerras de família ou há migrações ou há conflitos, conflitos que muitas vezes têm a ver com maridos, com mulheres, portanto os companheiros. Os próprios companheiros que não querem os sogros... mas há também muitas vezes histórias do passado, hummm... Trazer as famílias para as instituições é difícil, é difícil também as instituições estarem receptíveis, porque as instituições são formadas por muita gente... e as funcionárias mais antigas dificilmente vão olhar para as famílias como um aliado quando foram educadas entre aspas no trabalho a olhar para elas como um inimigo. Portanto eu muitas vezes tenho de ir pôr o travão às funcionárias. Não o fazem por mal... era essa a política durante muitos anos. Virem agora as garotas dizerem «as famílias não são um inimigo, temos que trabalhar com eles, tenham tento na língua»... «Ah! Té té té té té té té... porque os vêm cá pôr!»... «Mas vocês também os vêm cá pôr! Olhem bem para vocês!»... «Pensem bem... vocês também têm tempo para os vosso familiares a trabalhar por turnos?». Fazer este trabalho com elas demora muito tempo e é claro que o comportamento das funcionárias afasta os familiares... gera muitos conflitos. E nós andamos aqui no meio. Sabemos que às vezes as famílias não têm muita razão ou na queixa que estão a fazer ou da forma como o fazem, mas as funcionárias também perdem a razão da forma como falam. Tomara eu que as famílias se tornem mais aliadas das instituições, têm que o ser. Porque nós não somos a família do idoso, a família dos idosos são as famílias. Nós precisamos trabalhar com elas, para bem deles, temos cá é para isso.

Os familiares podem participar nas actividades organizadas pelo lar para os idosos?

Se sim, com que frequência eles participam?

Não há essa prática. Por mim há uma certa abertura para isso, não total porque neste momento enquanto não se fizerem as obras, nós também não temos grandes condições para os recebermos aqui em termos do espaço físico. Não está preparado, mesmo nas salas. No refeitório por exemplo, na hora de almoço, a sala está sobrecarregada e onde é que meto as famílias se já as funcionárias “bate cu dum lado para o outro” peço desculpa pela expressão, até nós saímos dali para não atrapalhar, ficamos à porta a vigiar. Onde é que ponho as famílias no meio daquilo? Dava um jeitão às funcionárias se cá estivessem os familiares a ajudar a dar a comida... e há familiares que queriam fazer isso, mas nós não podemos. As minhas reservas são sobretudo a esse nível. Depois há que reeducar as funcionárias em relação às famílias antes de cá meter as famílias... porque senão isto ia dar muitos conflitos.